

# Renda no Brasil volta a subir no ritmo pré-crise

Melhora está mais ligada ao rendimento do trabalho do que a programas como o Bolsa Família, diz analista

**FERNANDO CANZIAN**  
DA REPORTAGEM LOCAL

No ano eleitoral de 2010, o aumento da renda no Brasil retomou os níveis anteriores à crise de 2009, e o poder de compra das famílias atingiu o maior patamar em uma década e meia. Além disso, a proporção de brasileiros abaixo da linha da miséria caiu 43% em 15 anos.

Estima-se que o país tenha hoje 30 milhões de miseráveis sobrevivendo com R\$ 137 ao mês. Para especialistas, porém, eles seriam mais de 50 milhões se a velocidade de diminuição da pobreza não tivesse se acelerado nos últimos sete anos.

“A melhora hoje é muito mais sustentável, pois está apoiada mais na renda do trabalho”, afirma Marcelo Neri, da FGV. Na média da década, esse fator explica 67% da redução da desigualdade; o Bolsa Família responde por só 17%. **Pág. A13**

**Kássia, 19, beneficiária de programas sociais do governo**

João Walner/Folha Imagem



**>> ELEIÇÃO**  
**DISTRIBUIÇÃO DE**  
**RENDA MARCA O**  
**PLEITO EM 2010**  
Pégs. A13 e A14

# Distribuição de renda deve marcar eleição

Melhora do poder aquisitivo retoma ritmo pré-crise; ganhos com o trabalho superam de longe os com benefícios sociais

**Pais tem hoje 30 milhões de miseráveis; eles seriam mais de 50 milhões se a queda na pobreza não tivesse se acelerado a partir de 2003**

**FERNANDO CANZIAN**  
DA REPORTAGEM LOCAL

Neste ano eleitoral de 2010, o aumento da renda dos brasileiros retomou os níveis pré-crise de 2009 e o poder de compra das famílias atingiu o maior patamar em uma década e meia.

A eleição também se dará em um contexto onde a distribuição da renda é a melhor desde a redemocratização. A proporção de brasileiros vivendo abaixo da linha da miséria caiu expressivos 43% desde 2003.

O Brasil tem hoje 30 milhões de miseráveis sobrevivendo com R\$ 137 ao mês. Mas eles seriam mais de 50 milhões se a velocidade da diminuição da pobreza não tivesse se acelerado nos últimos anos.

“Foi uma ‘pequena grande década’”, diz Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da FGV-Rio. “E a melhora na renda hoje é muito mais sustentável, pois está apoiada mais na renda do trabalho.”

Na média da década, a renda do trabalho explicaria 67% da redução da desigualdade. O Bolsa Família, cerca de 17%; os gastos previdenciários, 15,7%. Desde 2003 foram criados 12,2 milhões de empregos formais.

Neri estima em 5,3% ao ano o aumento médio da renda per

capita no país. No Nordeste, o ritmo é chinês, de 7,3%.

Não por acaso, é no Nordeste que Lula tem a melhor avaliação: 83% de ótimo/bom, contra 70% no Sul e 67% no Sudeste.

Em cenário sem Ciro Gomes (PSB) na eleição, a petista Dilma Rousseff também aparece à frente de José Serra no Nordeste, única região em que o tucano perderia a disputa hoje.

### 'Trunfo' petista

Para o cientista político Leôncio Martins Rodrigues, "não há dúvida" de que a renda em alta é "trunfo" para Dilma.

"Para enfrentá-la, a oposição teria de convencer o eleitor que a melhoria se deve, em larga medida, a ações que vieram do governo de FHC e que, num go-

verno Serra, a orientação para o social deve não apenas continuar, mas ser aprofundada."

O economista Ricardo Paes de Barros, do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), diz ser "absolutamente fantástica" a melhora da distribuição de renda e a queda na pobreza.

"Não acho que Lula tenha feito mágica. Apenas demonstrou que com trabalho e continuidade de boas políticas é possível progredir rapidamente."

Paes de Barros diz, porém, que o atual ritmo de crescimento da renda é mais "pró-pobre". E tende a gerar mais empregos entre os menos escolarizados.

"Os que estão do meio para cima na distribuição ficarão um pouco prejudicados", afirma.

Enquanto a renda familiar

per capita como um todo cresce em ritmo maior que 5% ao ano, entre os 10% mais pobres ela cresceu três vezes mais rápido (15,4%). Entre os 10% mais ricos, mais lentamente (3,7%).

Essa é a realidade, tanto do posto de vista do emprego quanto da renda, por exemplo, na construção civil, que emprega grandes contingentes, mas com pouca qualificação.

Em fevereiro, o setor tinha 2,5 milhões de vagas formais, o mais alto patamar da série, com o Nordeste liderando, proporcionalmente, as admissões.

A política de aumentos acima da inflação (50% a mais) para o salário mínimo também deu impulso à renda. Em 2003, um salário mínimo comprava pouco mais de uma cesta básica.

Hoje, paga 2,2 cestas

O lado negativo da massificação de programas sociais e financiados pelo INSS (que foram o "estopim" para o início da melhora na renda) foi o engessamento do gasto federal.

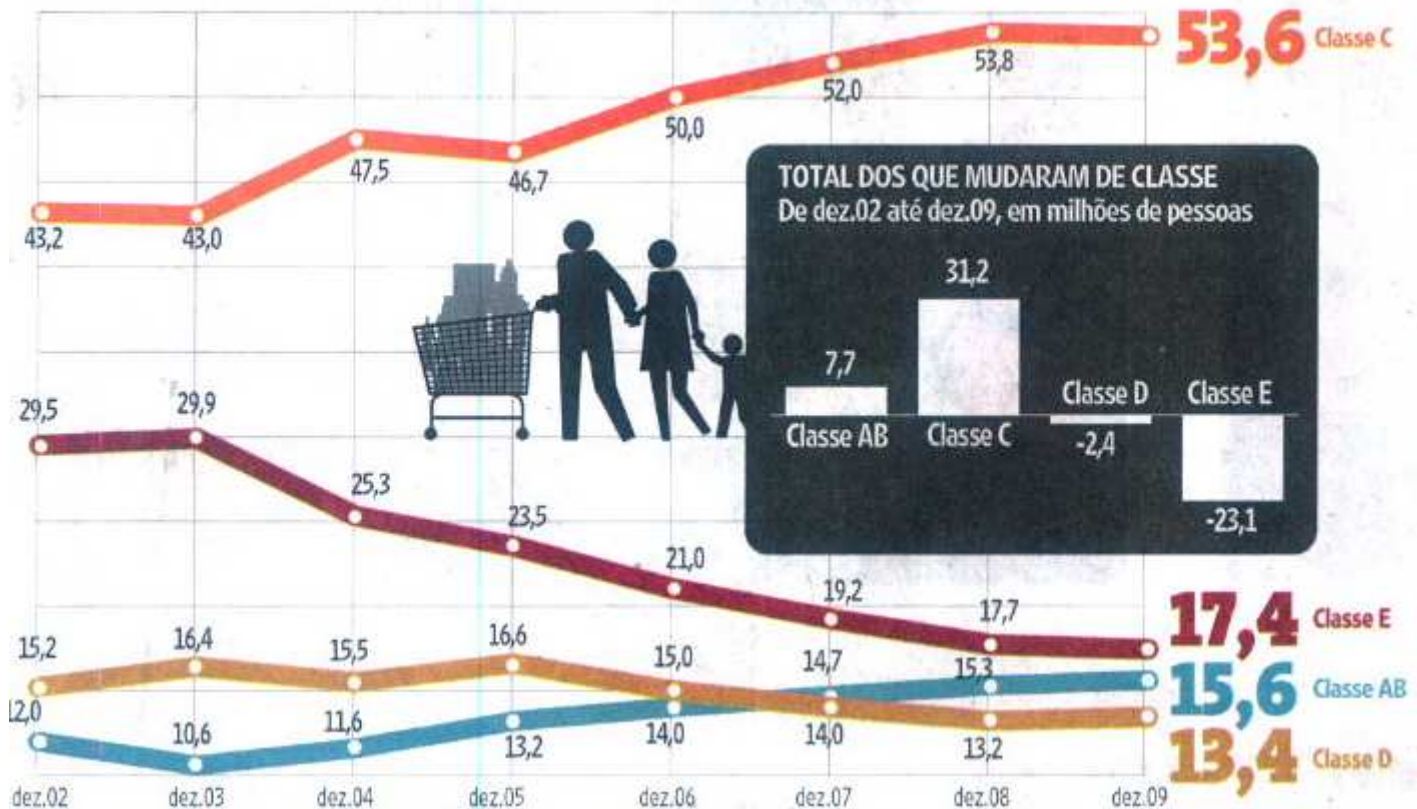
Cálculos do especialista em contas públicas Raul Velloso indicam que de cada R\$ 1 para despesas não financeiras da União, R\$ 0,62 vão para pagamento de benefícios assistenciais e previdenciários e a inativos e pensionistas.

Somados a salários do funcionalismo e a outras despesas (como saúde), esses gastos limitam a União a investir em infraestrutura só R\$ 0,06 para cada real desembolsado.

➔ LEIA MAIS A14

# CLASSE MÉDIA CRESCE SOB LULA

Encolhimento da classe E é maior, em % na população total do país



Fontes: Ministério do Desenvolvimento Social, Ministério do Trabalho, Dinec, CPS/FGV a partir dos microdados da PME/IBGE e Datafolha, pesquisa feita em 25 e 26 mar.10

## AS CLASSES ECONÔMICAS

Renda domiciliar total, em R\$\*

- E**  
Até 804
- D**  
804 a 1.115
- C**  
1.115 a 4.807
- A/B**  
4.807 e acima

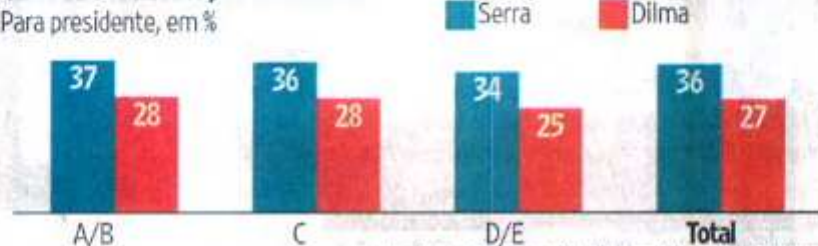
## SALÁRIO MÍNIMO GANHA FORÇA

Valor compra hoje mais produtos, em R\$



## CLASSES E INTENÇÕES DE VOTO

Para presidente, em %



\* Atualizado a preços de dez.08; cálculo a partir de renda domiciliar per capita